

Poetas do Mundo: Czesław Miłosz, *Não mais*¹

John Milton

Uma iniciativa muito importante na área de tradução de poesia no Brasil é a publicação pela Editora da Universidade de Brasília da série “Poetas do Mundo”, sob a responsabilidade de Henryk Sierwierski. Até agora foram publicados o francês Francis Ponge; o iugoslavo Miograg Pávlovitch; o marroquino, que escreve em francês, Tahar Ben Jelloun; o romeno Lucian Blaga; o argentino Juan Gelman; e o poeta italiano do século XIII, Jacopone da Todi. *Não mais*, uma antologia dos poemas do polonês Czesław Miłosz foi traduzido por Henryk Siewierski, professor polonês que trabalha na Universidade de Brasília, e por seu ex-aluno, Marcelo Paiva de Souza, falante fluente de polonês, que passou vários anos naquele país, e é hoje professor na Universidade Federal do Espírito Santo.

Miłosz, nascido em 1911 na Lituânia, àquela época parte da Polônia, ganhou o Prêmio Nobel de 1980, e é um dos poetas mais importantes do século XX. Faleceu em 2004. Sua poesia aborda temas centrais do século: a perda de Deus; os horrores da guerra; o exílio. Também aborda a necessidade de balizas fixas na vida; a esperança da juventude; e o questionamento sobre o valor da poesia.

Em “Retrato grego”, Miłosz se vê como Ulisses na sua Odisseia, deixando a velha terra para ser um viajante no mundo. De

MILTON, John. Poetas do Mundo: Czesław Miłosz. *Não mais*

fato, após ter passado a Segunda Guerra na Polônia, Miłosz trabalhou de adido cultural nas embaixadas de Paris e Washington; em 1951 rompeu com o governo polonês e mudou para França; depois, em 1961, aceitou um convite para trabalhar na Universidade de Berkeley como Professor de Literatura Eslávica.

Ele deixa uma Europa destroçada pela Guerra. Mas esta guerra não é uma guerra isolada. Seu próprio país tem sido o centro de invasões e guerras milenares:

Tua gente aquece as mãos lívidas
Junto à vela benta de primula
E ouve nos campos o pranto
De redemoinho nos canos da arma engatilhada

De "Terra", p. 38-40.

A tragédia e o sofrimento são quase fatos normais: "És uma terra onde não é vergonha sofrer". E a beleza do campo sempre se mistura à dor da guerra: "Uma papoula vermelha, álgida na geada de lágrimas". A delicada papoula também é o símbolo dos horrores das batalhas de trincheiras da Primeira Grande Guerra.

Alguns dos poemas de Miłosz voltam aos horrores da guerra. Em "Do outro lado" ele aproveita a imagem do inferno de Swedenborg "Alguns infernos têm a aparência de casas e cidades arruinadas pelo fogo, onde os espíritos infernais ficam escondidos à espreita", colocado em epígrafe, para descrever a Polônia destruída pela guerra, num estado de limbo entre vida e morte:

Barracos de madeira,
ou um prédio capenga num campo de ervas daninhas,
hortas de batata cercadas de arame farpado.
e jogavam quase-cartas e havia cheiro de quase-repolho
e quase-vodka, quase-sujeira e quase-tempo.

De "Do outro lado", p. 50-52.

A poesia de Miłosz, no entanto, é basicamente otimista. "Estes corredores" começa num labirinto dentro de uma montanha. Parece que o próprio poeta, longe da civilização, está tentando penetrar mais nos mistérios da vida. Mas esqueceu a vida lá fora:

Uma corça trará ao mundo seu filhote malhado e o ar desfiará
Suas belas espirais de folhas para outros olhos...

e os simples prazeres: "Cada sabor da maçã colhida no alto jardim." O poeta começa a se tranquilizar com o mundo, e se põe a pensar no futuro:

E quando algum dia os cães caçando o urso
Resvalarem na fenda na rocha e homens de longínquas gerações
Puserem-se a ler nas paredes nossas letras angulosas –
Estranharão que daquilo que os contenta conhecíamos tanto
Embora nossa vã fortaleza já signifique tão pouco.

De "Estes corredores", p. 54-57.

Um dos seus poemas mais otimistas é "Conjuro". O título dá um tom de ironia, mas o poema expressa um otimismo claro,

MILTON, John. *Poetas do Mundo: Czesław Miłosz. Não mais*

um mundo onde não haveria “Nem grades, nem arame farpado, nem trituração de livros,/ Nem a condenação ao exílio...”. Seria um mundo com “Verdade e Justiça”, que “não conhece judeu nem grego, servo ou senhor”. É um mundo que volta à origem do mundo cristão, no qual a poesia terá um papel importante:

Bela e muito jovem é a Philo-Sophia
É a poesia, sua aliada a serviço do Bem.

É um mundo ordenado, livre dos elementos tenebrosos, no qual os elementos maus tendem a desaparecer:

O licorne e o eco trouxeram a notícia às montanhas.
Gloriosa será esta amizade, seu tempo não tem fim.
Seus adversários fadaram-se à destruição.

De “Conjuro”, p. 72-73.

A religião tem um papel no mundo de Miłosz. Ele deseja que Deus dê mostras de sua presença:

Sou um homem apenas, preciso de sinais visíveis,
me canso logo construindo as escadas da abstração.
Pedi não raro, bem sabes, que a figura na igreja
erguesse a mão para mim, uma única vez.

De “Veni Creator”, p. 46-47.

Mas o mundo não tem tais certezas. Miłosz não consegue que Deus erga Sua mão, e o poeta tem de buscar esses momen-

tos de epifania nas coisas banais da vida, tal como Carlos Drummond de Andrade.

Porém a poesia de Miłosz não tem elementos místicos. Em “Mulheres velhas” as anciãs “Curvadas de artrite, de preto, as pernas-palitos” estão na missa. Mas Miłosz parece inverter a situação: o poema parece mais um poema que honra as vidas das velhas, responsáveis pela vida, que:

Abriram-se amorosamente nos bosques às margens dos rios,
Levaram dentro de si o esplendor do amado.

Miłosz, um dos filhos, diz que “nunca retribuímos,/ Ciosos de navegar, peregrinando pelos continentes,/ Culpados e na esperança do perdão.” O papel do Pantokrator, o Todo-Poderoso, é mais de dar um tipo de dignidade às velhas mães, uma forma de honrar a vida.

Ele, que sofre há séculos, aconchega
As efeméridas de um dia, as borboletas enfraquecidas pelo frio,
As genetrizes com a cicatriz do seio fechada,
E conduz à sua Theotokos humana,
Para que o ridículo e a dor se transformem em dignidade
E seja consumado, assim, sem cores ou beleza,
O nosso imperfeito amor terreno.

De “Mulheres velhas”, p. 87-91.

Se há uma lição na poesia de Miłosz, é a de que a beleza e a alegria são encontradas no dia-a-dia, neste mundo. Em “Eheu!”, a salvação não pode ser encontrada nas bibliotecas,

MILTON, John. Poetas do Mundo: Czesław Miłosz. *Não mais*

“em busca da palavra dos mestres e profetas”, senão na rotina diária caseira:

Naquele dia faziam doce em casa
E vosso cão adormecido junto ao fogo despertava,
Bocejava e vos olhava, como se soubesse.

De “Eheu!”, p. 102-3.

E a sensualidade nunca deve ser esquecida. Em “Descrição honesta de si mesmo junto a um copo de whisky no aeroporto, digamos em Minneapolis”, escrito quando o poeta era já velho, com olhos e ouvido fracos, ao admirar as jovens:

Vejo suas pernas em minissaias, em calças compridas ou tecidos voláteis,
Observo uma a uma, suas bundas e coxas, pensativo, acalentado por sonhos pornô.

A primeira reação do poeta é a de se reprovar:

Velho depravado, é a cova que te espera, não os jogos e folguedos da juventude.

No entanto, Miłosz não é nenhum Kant, e os prazeres sensuais devem ser reconhecidos e aproveitados:

Não é minha culpa se somos feitos assim, metade contemplação, desinteressada e metade apetite.

Se a vida é cheia de tanta beleza visual, o céu não pode ser melhor:

Se após a morte eu chegar ao Céu, lá deve ser como aqui, só que me terei desfeito da obtusidade dos sentidos e do peso dos ossos. Tornado puro olhar, sorverei ainda as proporções do corpo humano, a cor da íris, uma rua de Paris em junho de manhãzinha, toda a incompreensível, a incompreensível multidão das coisas visíveis.

De “Descrição honesta de si mesmo junto a um copo de whisky no aeroporto, digamos em Minneapolis, p. 112-5.

“Não Mais” é o poema que dá nome à antologia. É uma investigação sobre a essência do ato da criatividade poética. Miłosz começa dizendo que ele mudou sua idéia sobre a poesia, e:

Me considero hoje um dos muitos
Mercadores artesãos do Império do Japão
Compondo versos sobre a floração da cerejeira,
Sobre crisântemos e a lua cheia.

A poesia não pode capturar os momentos do passado. Ele se pergunta se a poesia poderia:

... descrever as cortesãs
De Veneza, como incitam com uma vareta o pavão no pátio
E desfolhar do tecido sedoso, da cinta nacarina
Os seios pesados, a marca
Avermelhada no ventre onde o vestido se abotoa,
Ao menos assim como as viu o dono das galeotas
Arribadas aquela manhã carregando ouro;

De “Não mais” p. 42-45.

A poesia tentaria dar algum tipo de memorial permanente à vida e à beleza fugaz, um memorial cujas “palavras [são] mais duráveis que o derradeiro pente/ Que entre carcomas sob a lápide”.

Mas o poeta desiste, essa tarefa parece impossível: “Da resistência da matéria/ O que se retém? Nada, quando muito o belo.” A solução seria copiar os poetas japoneses: “Então devem nos bastar as flores da cerejeira/ E os crisântemos e a lua cheia”, Porém, o poema é auto-irônico: o poeta tem a mania de nomear, de descrever, e a bela descrição de Miłosz das prostitutas venezianas e navio arribado em Veneza salva aquele momento para a posteridade – da mesma maneira que os sonetos de Shakespeare salvam a beleza do jovem para sempre – e o próprio Miłosz, que em poemas como “Do outro lado”, captura a desolação da Polônia da Segunda Guerra. O poeta tenta, pensa que erra e não consegue, mas sua tentativa vale a pena, poderia capturar aquele momento do passado.

Enquanto não-falante de polonês não cabe a mim fazer comentários sobre a qualidade da tradução, mas cumprimentar os tradutores por terem trazido um dos maiores poetas do século XX ao conhecimento do público brasileiro.

SOBRE O AUTOR

John Milton é tradutor e professor de Literatura Inglesa e Estudos da Tradução na USP. Traduziu para o inglês *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, que recebeu o título *Death and Life of Severino*. São Paulo: Piedade, 2003.

Cadernos de Literatura em Tradução, n. 7, p. 273-281

NOTA:

- 1 Seleção, tradução e introdução de Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza. Coleção Poetas do Mundo. Brasília: Editora UnB, 2003. ISBN 85-230-0731-8.